



Uma família que aprisiona a mãe doente num mundo de faz de conta a fim de protegê-la, outra às voltas com a memória de um pai avesso ao prazer. Um professor de araque, que a estupidez alheia transforma em celebridade, e uma joia emprestada e perdida, em nome da qual um casal se arruína. E ainda histórias de arrepiar, ambientadas em cenários tão diversos como os pampas rio-grandenses, as planícies geladas do Canadá e um palácio italiano. Tudo isso e muito mais você encontrará nesta deliciosa antologia de contos organizada por Moacyr Scliar.

ORG. Moacyr Scliar *Leituras de escritor*

Leituras de escritor

— ORGANIZAÇÃO —

Moacyr Scliar

ANTON TCHEKHOV • MACHADO DE ASSIS
FRANK STOCKTON • GUY DE MAUPASSANT
EDGAR ALLAN POE • LIMA BARRETO
JULIO CORTÁZAR • MÁRIO DE ANDRADE
ÉRICO VERÍSSIMO • CLARICE LISPECTOR
JOÃO SIMÕES LOPES NETO • JACK LONDON
GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ • FRANZ KAFKA

— ILUSTRAÇÕES —

Fefê Talavera



167622

ISBN 978-85-418-0763-0



9 788541 807630



Leituras de escritor

— ORGANIZAÇÃO —

Moacyr Scliar

ANTON TCHEKHOV • MACHADO DE ASSIS
FRANK STOCKTON • GUY DE MAUPASSANT
EDGAR ALLAN POE • LIMA BARRETO
JULIO CORTÁZAR • MÁRIO DE ANDRADE
ÉRICO VERÍSSIMO • CLARICE LISPECTOR
JOÃO SIMÕES LOPES NETO • JACK LONDON
GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ • FRANZ KAFKA

— ILUSTRAÇÕES —

Fefê Talavera



Boris Schnaiderman – tradução de “A dama do cachorrinho”, de Anton Tchekhov
© Boris Schnaiderman, 1999
Clarice Lispector – “Uma galinha”, *Laços de família*
© herdeiros de Clarice Lispector
Érico Veríssimo – “As mãos de meu filho”, *Contos*
© herdeiros de Érico Veríssimo
Gabriel García Márquez – “El rastro de tu sangre en la nieve”, *Doce cuentos peregrinos*
© Gabriel García Márquez, 1992
Julio Cortázar – “La salud de los enfermos”, *Todos los fuegos, el fuego*
© herdeiros de Julio Cortázar, 2007
Marcos Bagno – tradução de “Acender uma fogueira”, de Jack London
© Marcos Bagno
Mário Quintana – tradução de “O colar de diamantes”, de Guy de Maupassant
© Elena Quintana
Modesto Carone – tradução de “Diante da lei”, de Franz Kafka
© Modesto Carone, 1999
Organização Moacyr Scliar, 2008
© herdeiros de Moacyr Scliar

Coordenação editorial Fabio Weintraub
Revisão Carla Mello Moreira e Penelope Brito

Capa Equipe Arte sobre ilustração de Fefê Talavera
Produção industrial Alexander Maeda
Impressão Completar

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Leituras de escritor / organização Moacyr Scliar; ilustrações
Fefê Talavera. — 3. ed. — São Paulo: Edições SM, 2015. —
(Coleção Leituras de Escritor)

Vários autores
Vários tradutores
Bibliografia
ISBN: 978-85-418-0763-0

1. Contos - Coletâneas I. Scliar, Moacyr. II. Talavera, Fefê.
III. Série.

15-02369

CDD-808.83

Índice para catálogo sistemático:

1. Contos : Coletâneas : Literatura 808.83

Grafia conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

3ª edição março de 2015
Xª impressão 2019

Todos os direitos reservados a

EDIÇÕES SM

Rua Tenente Lycurgo Lopes da Cruz 55
Água Branca 05036-120 São Paulo SP Brasil
Tel. (11) 2111-7400
www.edicoessm.com.br

NOTA DO EDITOR: À exceção das notas elaboradas pelos tradutores, indicadas por meio da abreviatura [N. da T.], as demais são notas de edição.

SUMÁRIO

Um leitor privilegiado	4
Do mito ao conto: o fogo das histórias	5
A dama do cachorrinho <i>Anton Tchekhov</i>	9
Missa do galo <i>Machado de Assis</i>	33
A dama ou o tigre? <i>Frank Stockton</i>	45
O colar de diamantes <i>Guy de Maupassant</i>	57
O barril de <i>amontillado</i> <i>Edgar Allan Poe</i>	71
O homem que sabia javanês <i>Lima Barreto</i>	83
A saúde dos enfermos <i>Julio Cortázar</i>	99
O peru de Natal <i>Mário de Andrade</i>	121
As mãos de meu filho <i>Érico Veríssimo</i>	131
Uma galinha <i>Clarice Lispector</i>	143
O Negrinho do pastoreio <i>João Simões Lopes Neto</i>	151
Acender uma fogueira <i>Jack London</i>	165
O rastro de teu sangue na neve <i>Gabriel García Márquez</i>	191
Diante da lei <i>Franz Kafka</i>	217
Referências bibliográficas	222
Sobre o organizador e a ilustradora	223

UM LEITOR PRIVILEGIADO

Aventurar-se por um domínio novo na companhia de um guia experiente, que conhece o “país” a desbravar como a palma da mão – quer coisa melhor? Pois é essa a proposta da coleção **Leituras de escritor**: oferecer a jovens leitores antologias de textos curtos organizadas por escritores de renome, que se debruçam sobre a produção alheia impelidos por questões que podem dizer respeito às suas próprias inquietações criativas.

Assim, à parte os critérios tradicionais que costumam presidir a organização de antologias – afinidade temática, escolas literárias, períodos históricos, nacionalidade etc. –, as escolhas aqui foram feitas com base na experiência de um leitor privilegiado, um leitor que é também escritor e que, por conhecer o ofício, transita pelos dois lados da página com igual desenvoltura. Deixando-se então levar por sua memória, por seu gosto pessoal, por sua atenção a detalhes de estrutura, à composição das personagens, ao manejo da frase, aos ardis do narrador... esse leitor-escritor divide suas impressões, seu assombro e sua alegria com os jovens a quem se dirige, estimulando-os também a confiar na própria sensibilidade para explorar diferentes universos ficcionais.

Além disso, os textos são entremeados por breves comentários do organizador, elaborados com o intuito de fornecer ao jovem informações sobre os autores e seu contexto histórico, destacando elementos-chave para a compreensão da narrativa e, em alguns casos, arriscando interpretações ou convidando o leitor a interrogar-se ao mesmo tempo que interroga a narrativa na qual se embrenha.

Abreviemos, porém, as explicações acerca da viagem que se abre daqui em diante. Viagem sem mapa ou bússola, orientada tão somente pelo conhecimento prático de quem já descobriu serem muitos os percursos possíveis no texto literário e que, nessa floresta de sentidos, a distância a percorrer é sempre maior que a existente entre o começo da primeira linha e o fim da última página.

Os editores

DO MITO AO CONTO: O FOGO DAS HISTÓRIAS

Certa vez circulou pelo mundo uma maravilhosa exposição fotográfica que se chamava *A família do homem*. Eram fotos de fotógrafos famosos, de vários países, e uma delas chamava particularmente a atenção. Tinha sido feita numa pequena aldeia africana, à noite. Ali estavam os habitantes – homens, mulheres, crianças –, sentados ao redor de uma fogueira; não havia luz elétrica. Um homem muito velho lhes falava e todos escutavam, maravilhados, extasiados. O que o ancião estava dizendo? Certamente não era discurso ou conferência (se assim fosse, as pessoas provavelmente estariam bocejando). Não, ele estava contando uma história, dessas histórias cuja origem é desconhecida e que passam de geração em geração: lendas, mitos. Mitos são narrativas fantasiosas, que passam de geração em geração e servem para explicar aquilo que não tem explicação óbvia: como surgiu o Universo, por que o Sol nasce todas as manhãs e se põe todas as tardes, por que chove.

Com o surgimento da escrita, essas histórias transformaram-se em textos, muitas vezes de caráter sagrado. É o caso da Bíblia, que pode ser lida como obra religiosa, com prescrições éticas, mas também como uma coleção de histórias soberbamente narradas, falando de sentimentos humanos: por exemplo, o ciúme de Caim em relação a seu irmão Abel. Sem falar nas parábolas, tanto do Antigo como do Novo Testamento, que são absolutamente fantásticas.

A literatura clássica, grega e romana, por outro lado, deixou textos que até hoje nos maravilham, como a *Ilíada* e a *Odisseia*, do grego Homero, que viveu na Jônia por volta do século VII a.C.

Aos poucos, o livro foi-se incorporando à cultura, coisa grandemente facilitada pela invenção da imprensa no século XV. E as narrativas curtas frequentemente ocuparam posição de destaque entre os livros de ficção. Ainda no século XIV, em seu *Decameron*, Giovanni Boccaccio (1313-1375) reúne cem histórias contadas por pessoas que, fugindo da peste em Florença, refugiaram-se em uma luxuosa casa de campo. No século XVII, o poeta francês Jean de La Fontaine (1621-1695) inventa fábulas como “A cigarra e a formiga”. No mesmo século, Charles Perrault (1628-1703) torna-se famoso

com “A bela adormecida”, “O gato de botas” e outras histórias infantis, trilha que seria seguida com êxito no século seguinte pelos alemães Jacob (1785-1863) e Wilhelm (1786-1859) Grimm, autores de “Branca de Neve” e “Cinderela”, entre outros contos célebres.

No século XIX, o conto torna-se definitivamente uma forma literária consolidada, graças a escritores como os que figuram nesta antologia. Isso significa que lemos os contos não só por causa do enredo, mas também pelo prazer e pela admiração que resultam de ler algo bem escrito, algo que é arte. A arte do conto exige o domínio de uma técnica.

Um dos autores que vocês encontrarão neste livro, Edgar Allan Poe (1809-1849), até deu uma espécie de “receita” de como escrever um conto. Regra número um: o conto tem de ser curto. Se for muito longo, começa a virar novela ou romance. Além disso, ensina Poe, o tema deve ser um único acontecimento (no conto dele, que vocês vão ler daqui a pouco, o acontecimento é: um homem atrai seu inimigo para uma armadilha mortífera). Finalmente, o desfecho é essencial e deve surpreender o leitor. Exemplo disso é outro conto que vocês lerão aqui, “O colar de diamantes”, cujo final não vou contar, para não estragar a surpresa, mas, garanto, vai deixar vocês de boca aberta.

O final surpreendente, porém, não é regra geral, como vocês verão em algumas histórias desta coletânea. Às vezes o desfecho até parece meio decepcionante, mas faz pensar e, pensando, começamos a descobrir coisas sobre o conto, a vida, sobre nós mesmos. É que nem todo mundo segue a “receita” de Poe; nem todo mundo narra uma história com começo, meio e fim, uma história que pode ser resumida em algumas frases. Não, às vezes não dá para resumir o conto, não dá nem mesmo para dizer o que nele se passou. Por causa disso, Mário de Andrade afirmou que conto é tudo aquilo que se decidir chamar conto.

Maupassant (1850-1893) afirmava que escrever contos era mais difícil do que escrever romances. Opinião próxima à do escritor norte-americano William Faulkner (1897-1962), para quem era mais fácil escrever um bom romance do que um bom conto. No romance, diz Faulkner, você pode ser menos cuidadoso e ainda assim ser desculpado pelos excessos ou pelo caráter supérfluo de certas passagens. No conto, não, cada palavra tem de estar em seu lugar, cumprindo uma função.

Esse gênero exige muito talento, o qual às vezes se manifesta cedo. Alguns escritores desta antologia alcançaram notoriedade ainda jovens, como foi o caso de Anton Tchekhov, Guy de Maupassant, Lima Barreto.

* * *

Agora vamos falar um pouco sobre este livro. Os textos que o compõem foram escolhidos segundo critérios absolutamente pessoais do organizador, fanático por contos há muito tempo. Aqui estão os que mais o impressionaram, mais o comoveram, preferência partilhada com muitos outros leitores.

Os autores selecionados são famosos e talvez vocês já os conheçam de outras antologias. São escritores dos séculos XIX e XX (período áureo do conto), que provêm de vários países e, portanto, têm diferentes origens culturais.

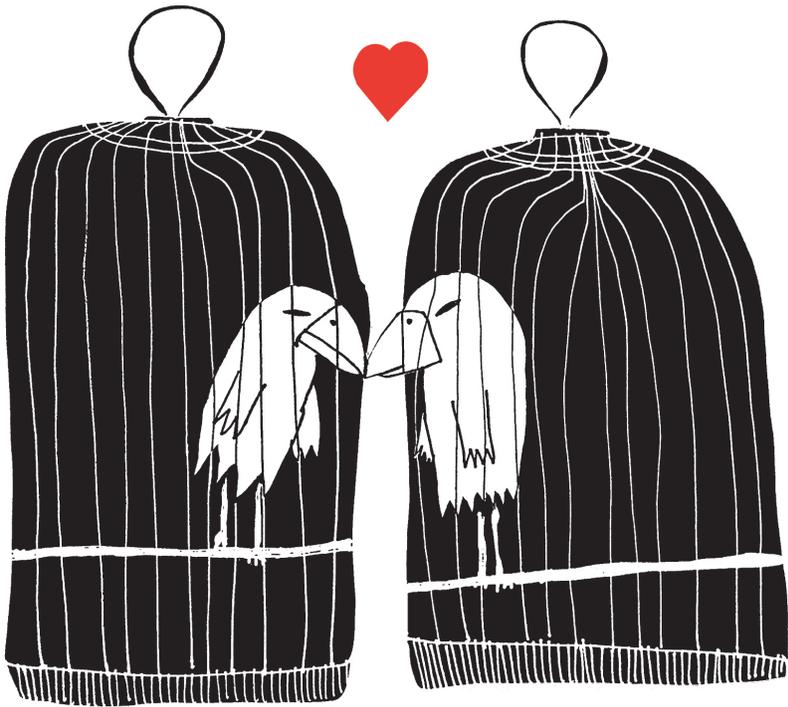
Por razões óbvias, predominam os brasileiros, e o que temos aqui é um time absolutamente fantástico: Machado de Assis, Lima Barreto, Simões Lopes Neto, Mário de Andrade, Érico Veríssimo, Clarice Lispector. De estrangeiros, temos o russo Anton Tchekhov, o checo Franz Kafka, o francês Guy de Maupassant, os norte-americanos Jack London, Frank Stockton e Edgar Allan Poe, o argentino Julio Cortázar e o colombiano Gabriel García Márquez.

São todos grandes textos, de temática variada: contos sobre os absurdos do amor (“A dama do cachorrinho”, “O rastro de teu sangue na neve”), sobre relações familiares (“O peru de Natal”, “A saúde dos enfermos”, “As mãos de meu filho”); três histórias de suspense e terror (“Acender um fogo”, “A dama ou o tigre?”, “O barril de *amontillado*”, “O Negrinho do pastoreio”) e uma quarta, em que o drama está, por assim dizer, nas entrelinhas (“Missa do galo”).

Por fim, encontraremos textos irônicos, de crítica social (“O colar de diamantes” e “O homem que sabia javanês”), um relato curioso, de melancólico simbolismo (“Uma galinha”), e uma alegoria sobre a violência e a liberdade (“Diante da lei”).

Acima de tudo, nas páginas a seguir, você tomará contato com a obra de grandes escritores, reconhecidos em vida ou postumamente (como Kafka), que souberam captar a realidade de seu tempo, transformando-a em histórias que os transcendem, por sua universalidade e beleza.

Moacyr Scliar



A dama do cachorrinho

Anton Tchekhov

I

Dizia-se que havia aparecido à beira-mar uma nova personagem: uma senhora com cachorrinho. Dmítri Dmítritch Gurov, que já passara em Ialta duas semanas e habituara-se àquela vida, começou a interessar-se também por caras novas. Sentado no pavilhão de Vernet, viu passar à beira-mar uma jovem senhora, de mediana estatura, loura, de boina. Corria atrás dela um lulu branco.

Mais tarde, encontrou-a diversas vezes ao dia, no parque e nos jardinzinhos públicos. Passeava sozinha, sempre com a mesma boina e acompanhada do lulu branco. Ninguém sabia quem era e chamavam-na simplesmente: a dama do cachorrinho.

“Se está aqui, sem marido e sem conhecidos”, calculou Gurov, “não seria mau travar relações com ela.”

Embora com menos de quarenta anos, ele tinha já uma filha de doze e dois filhos no ginásio. Haviam-no casado cedo, quando cursava ainda o segundo ano da universidade, e agora sua mulher parecia vez e meia mais velha que ele. Era uma mulher alta, de sobrancelhas escuras e porte rígido, importante, grave e “pensante”, como ela mesma se

chamava. Lia muito, escrevia cartas simplificando a ortografia, chamava o marido de Dimítri em lugar de Dmíttri, e ele, secretamente, considerava-a pouco inteligente, tacanha, deselegante, temia-a e não gostava de ficar em casa. Havia muito que passara a traí-la, fazia-o com frequência e, provavelmente por este motivo, referia-se quase sempre mal às mulheres; quando, em sua presença, falavam nelas, exclamava:

– Raça inferior!

Parecia-lhe que fora suficientemente instruído por sua amarga experiência, para chamá-las como lhe aprouvesse, mas, apesar de tudo, não poderia passar dois dias sem a “raça inferior”. Aborrecia-se em companhia de homens e mostrava-se frio, pouco loquaz, mas, encontrando-se no meio de mulheres, sentia-se despreocupado e sabia do que falar e como se portar; era-lhe, mesmo, fácil calar-se em companhia delas. Em seu aspecto exterior, em seu gênio, em toda a sua personalidade, havia algo atraente, imperceptível, que predispunha as mulheres a seu favor, que as atraía; ele sabia disso e, por sua vez, sentia-se impelido para elas.

Uma experiência variada, realmente amarga, ensinara-lhe, havia muito, que toda aproximação, a qual constitui a princípio uma variação tão agradável na vida e apresenta-se como uma aventura ligeira e aprazível, converte-se invariavelmente, em se tratando de pessoas corretas, especialmente moscovitas, indecisas e pouco dinâmicas, num verdadeiro problema, extraordinariamente complexo, e a situação, por fim, torna-se verdadeiramente difícil. Mas, a cada novo encontro com uma mulher interessante, essa experiência escapava-lhe da memória, vinha-lhe uma vontade de viver e tudo parecia simples e divertido.

Eis que certa vez, à noitinha, estava jantando no jardim, e a senhora de boina aproximou-se, em passo lento, para ocupar a mesa vizinha. A expressão de seu rosto, o andar,

a roupa, o tipo de penteado diziam-lhe que ela era de boa sociedade, casada, estava em Ialta pela primeira vez, sozinha, e que se aborrecia... Havia muita mentira nas histórias que corriam sobre a depravação dos costumes locais. Ele desprezava aquelas histórias e sabia que, geralmente, eram inventadas por gente que gostaria de pecar se soubesse fazê-lo. Mas, quando a senhora sentou-se à mesa que ficava a três passos da sua, ele se lembrou daquelas histórias sobre fáceis conquistas e passeios na montanha, e apoderou-se dele a ideia tentadora de uma ligação fulminante, de um romance com uma mulher desconhecida, da qual não se sabe o nome nem o sobrenome.

Chamou carinhosamente o lulu e, quando este se aproximou, ameaçou-o com o dedo. O lulu rosnou. Gurov tornou a ameaçá-lo.

A senhora olhou para ele e baixou os olhos.

– Não morde – disse ela e corou.

– Posso dar-lhe um osso? – e, quando ela assentiu com a cabeça, ele perguntou afavelmente: – A senhora chegou a Ialta há muito tempo?

– Há uns cinco dias.

– E eu já estou completando aqui a segunda semana.

Seguiu-se um silêncio.

– O tempo passa depressa e, no entanto, a gente se aborrece tanto aqui! – disse ela, sem olhar o interlocutor.

– É apenas uma convenção dizer que aqui é aborrecido. Um habitante de Biélev ou de Jizdra vive em sua terra e não se aborrece, mas, chegando aqui, repete: “Ah, que cacete! Ah, que poeira!”. Pode-se pensar que chegou de Granada.

Ela riu. Continuaram a comer em silêncio, como desconhecidos. Depois do jantar, porém, caminharam lado a lado e iniciou-se entre eles uma conversa ligeira, brincalhona, de gente livre, satisfeita consigo, e à qual fosse indiferente aonde ir e do que falar. Ficaram passeando e

conversaram sobre o modo estranho pelo qual estava iluminado o mar: a água tinha uma cor lilás, macia e tépida, e sobre ela o luar deitava uma faixa dourada. Falavam em como o ar ficava sufocante após um dia de calor. Gurov contou que era moscovita, formado em Filologia, mas que trabalhava num banco; noutros tempos, preparara-se para cantar num teatro particular de ópera, mas desistira; possuía em Moscou duas casas... Por sua vez, soube dela que fora criada em Petersburgo, mas casara-se na cidade de S., onde residia havia dois anos, que passaria ainda em Ialta cerca de um mês e que era provável vir buscá-la o marido, que também queria descansar. Não sabia explicar direito em que repartição ele trabalhava, e ela mesma achava engraçado esse fato. Gurov soube ainda que ela se chamava Ana Siergueievna.

Voltando para o quarto, pensou nela e em que, no dia seguinte, certamente haveria de encontrá-la. Deitando-se para dormir, lembrou-se de que, ainda há tão pouco tempo, ela estivera no colégio, estudara como agora a filha dele; lembrou-se também de quanta irresolução e falta de jeito havia ainda em seu riso, em seu modo de falar com um desconhecido; provavelmente, era a primeira vez que se encontrava sozinha em tais circunstâncias, seguida e contemplada, e que alguém lhe dirigia a palavra, com um objetivo secreto que ela não podia deixar de adivinhar. Lembrou-se também de seu pescoço esguio, frágil, de seus bonitos olhos cinzentos.

“Apesar de tudo, há nela qualquer coisa que inspira pena”, pensou, adormecendo.

II

Fazia uma semana que a conhecia. Era feriado. Dentro de casa, o ar estava sufocante e, na rua, o vento arrastava a poeira em turbilhão e arrancava os chapéus. Dava sede